



XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

HAYTER E O ATELIÊ 17: INTERCÂMBIOS NA GRAVURA BRASILEIRA DA DÉCADA DE 1950

Priscila Sacchettin

USP

O Ateliê 17 e a figura do gravador Stanley William Hayter (1901 – 1988) foram decisivos na formação de importantes gravadores brasileiros da década de 1950. Criou-se assim uma rede de ligações artísticas entre Brasil, Europa e Estados Unidos, pois Hayter ensinou tanto em Nova York como em Paris. Nomes hoje consagrados estudaram no Ateliê 17 (que ainda hoje existe, com o nome de Atelier Contrepoint), tanto em sua versão européia – Izar do Amaral Berlinck, Odetto Guersoni e Lívio Abramo – como na versão norte-americana do ateliê, durante a Segunda Guerra Mundial – Teresa D’Amico e Fayga Ostrower. Com exceção de Abramo, todos esses artistas enveredaram por poéticas expressionistas abstratas ou abstrato líricas durante a década mencionada, em sintonia com as propostas do próprio Hayter nesse período.

Neste artigo pretendemos investigar as relações entre Hayter e a gravura brasileira dos anos 1950, a partir das obras dos artistas mencionados, com a exceção de Abramo, exatamente por esse artista pertencer a uma geração anterior aos demais. É possível que suas inovações e experimentações na gravura, conhecidas mundialmente, tenham levado artistas brasileiros a estagiarem no Ateliê. Segundo fontes bibliográficas que concernem o Ateliê 17, uma mostra itinerante de artistas do ateliê teria percorrido tanto vários estados dos EUA como



XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

países da América do Sul entre 1944 e 1945. Essa mostra teria apresentado algumas questões trabalhadas pelo gravador inglês naquele momento – na década de 1940 ele preocupa-se, sobretudo, com um universo de referências surrealistas.

Pelo Ateliê 17 passaram artistas de todas as nacionalidades durante os muitos anos que Hayter manteve esse espaço. Os gravadores brasileiros estavam, portanto, buscando, como outros, os conhecimentos desse ousado artista da estampa. Eles participariam ainda de um momento controverso da arte moderna no Brasil – as poéticas do informal e do expressionismo abstrato conquistavam espaço na Bienal de São Paulo alimentando debates e discussões entre abstratos, figurativos e, principalmente, concretos. Na Bienal, Fayga Ostrower seria premiada com aquisição em 1955 e, em 1957, obteria o prêmio de melhor gravadora nacional, conquistando o mesmo prêmio na Bienal de Veneza de 1958; todos os demais participaram de várias Bienais na mesma década, muitas vezes recebendo o prêmio aquisição – uma garantia de que suas obras comporiam acervos importantes como o do Museu de Arte Moderna de São Paulo.

Gravura, S.W. Hayter, Ateliê 17